

A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR DO SETOR DE SERVIÇOS

FABIANE HEGELE – UFSM – fabianehegele@hotmail.com

Área temática: 9) Economia e política internacional

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise dos principais serviços exportados e importados pelo Brasil em 2015. Do ponto de vista prático e acadêmico, faz-se importante a investigação desse setor devido a sua recente e crescente importância no Produto Interno Bruto e no emprego brasileiros. Dada a relação desses serviços com a participação para frente e para trás do País nas cadeias globais de valor, pretende-se responder como é a participação do Brasil, especificamente para o setor de serviços, nas cadeias globais de valor. O trabalho adota como método revisão bibliográfica e análise de dados para caracterizar o setor de serviços e descrever no que consistem as cadeias globais de valor. Por ser composto por atividades bastante heterogêneas, classificar o setor de serviços não é uma tarefa fácil, esse setor conta tanto com atividades simples, não especializadas, como serviços de limpeza, por exemplo, quanto com atividades sofisticadas, como desenvolvimento de *software*. As cadeias globais de valor, por outro lado, resultam da reconfiguração da divisão internacional do trabalho e estão relacionadas a questões organizacionais das firmas. Por fim, para responder a que o trabalho se propõe, apresentam-se dados da pauta de exportação e importação de serviços do País e a sua posição nesse comércio. Verifica-se baixa inserção do Brasil nas cadeias globais de valor do setor de serviços; predominância de serviços de baixo valor agregado entre os principais produtos exportados e de serviços de alto valor agregado entre os importados, o que pode indicar problemas ao desenvolvimento econômico do País, dada a atual importância do setor de serviços brasileiro.

Palavras-chave: Serviços. Cadeias globais de valor. Globalização.

1 INTRODUÇÃO

O setor com maior participação relativa no Produto Interno Bruto e no emprego brasileiros, atualmente, é o de serviços. No que se refere ao comércio internacional, verifica-se a ascensão das cadeias globais de valor (CGVs), resultante da globalização e da fragmentação da produção. Devido à relação dos serviços exportados e importados pelo Brasil com a participação para frente e para trás do País nas CGVs, este trabalho visa, a partir da análise desses serviços, examinar a posição brasileira nas CGVs de serviços.

Além desta introdução, o trabalho é composto por mais 4 seções. Na seção 2, por meio de revisão bibliográfica, caracteriza-se o setor de serviços. Primeiro, procura-se abordar

algumas das possíveis classificações para as atividades do setor. Verifica-se que o setor de serviços é o mais heterogêneo da economia, composto por atividades bastante distintas. Esse setor compreende desde atividades tradicionais, que demandam basicamente o fator trabalho, até atividades sofisticadas, com alta exigência de conteúdo tecnológico. Além disso, revisa-se literatura que aborda a recente evolução do setor e analisam-se dados que permitem compreender a conjuntura do setor para o Brasil.

Na terceira seção, por meio de revisão bibliográfica e análise de dados, procura-se entender no que consistem as CGVs, de forma geral, e analisar dados da participação brasileira nelas. As CGVs, um dos resultados da globalização, podem ser entendidas como se o mundo fosse uma grande fábrica, onde cada país é responsável por uma etapa produtiva.

Na quarta seção, analisam-se dados da exportação e importação brasileiras de serviços, bem como do valor adicionado por eles nas exportações. Constatado o perfil do comércio de serviços brasileiro, procura-se compreender como se dá a participação do Brasil nas CGVs desse setor. Na conclusão, resume-se o trabalho e indicam-se questões pertinentes sobre o assunto e que podem impactar diretamente sobre o desenvolvimento econômico brasileiro.

2 O SETOR DE SERVIÇOS

O setor de serviços, quando comparado aos setores da indústria e da agropecuária, é bastante heterogêneo. O setor industrial pode ser caracterizado, basicamente, pela exploração mineral e transformação de materiais, os quais podem ser utilizados como insumos ou como produtos finais. A agropecuária pode ser definida pela obtenção de produtos oriundos do campo, seja pelo cultivo de vegetais ou pela criação de animais. No entanto, é difícil atribuir características simples como essas ao setor de serviços.

Torna-se mais fácil compreender a heterogeneidade do setor de serviços, ao listar algumas atividades que o compõe: hospedagem em hotéis, aula de yoga, desenvolvimento de *software*, transporte público urbano, aluguel de máquinas e equipamentos, consulta jurídica, faxina, entre outros. Mesmo essas atividades sendo distintas, encontram-se no mesmo setor, o de serviços, e isso explica a sua diversidade e a dificuldade de atribuir ao setor uma simples classificação.

Na tabela 1, consta a classificação internacional padrão de todas as atividades econômicas divulgada pela Organização das Nações Unidas (ONU). Nessa classificação, constam atividades pertencentes aos setores da agropecuária, industrial e de serviços. As atividades A e B pertencem ao setor da agropecuária. As atividades C e D pertencem ao setor industrial. As

atividades de E a Q pertencem ao setor de serviços. Tantas atividades vinculadas ao setor de serviços representam a sua heterogeneidade.

Tabela 1 - Classificação internacional padrão das atividades econômicas

A	Agricultura, caça e silvicultura
B	Pesca
C	Exploração de minas e pedreiras
D	Indústrias manufatureiras
E	Oferta de eletricidade, gás e água
F	Construção
G	Comércio de atacado e varejo; Reparo de automóveis, de motocicletas e de bens de uso pessoal e doméstico
H	Hotéis e restaurantes
I	Transporte, armazenagem e comunicação
J	Intermediação financeira
K	Atividades imobiliárias, aluguéis e serviços empresariais
L	Administração pública e defesa; Segurança social compulsória
M	Educação
N	Saúde e serviço social
O	Outros serviços comunitários, sociais e pessoais
P	Atividades das famílias privadas como empregadoras e atividades não diferenciadas de famílias privadas como produtoras
Q	Organizações e outras instituições extraterritoriais

Fonte: ONU, 2016 (tradução própria).

Segundo Kon (2004), pelo fato dos serviços, em geral, possuírem características bastante distintas, a sua mensuração não é considerada uma atividade fácil. A apuração da quantidade de serviços providos pelas unidades produtivas da economia é uma tarefa difícil. Além disso, há as externalidades relacionadas ao fornecimento de serviços, as quais resultam em efeitos à sociedade e ao meio ambiente. Muitos desses efeitos não são mensurados nem mesmo em economias desenvolvidas.

Dado os diferentes ramos a que pertencem as atividades do setor de serviços, eles podem estar relacionados à saúde, educação, turismo, construção civil, transporte, financeiro, entre outros. Como forma de explicar o setor de serviços, na sequência, esta seção aborda algumas das possíveis classificações para o setor, como se deu a sua evolução e algumas informações específicas do setor de serviços brasileiro.

2.1 ALGUMAS CLASSIFICAÇÕES PARA SERVIÇOS

Entre as possíveis classificações para o setor de serviços, a primeira delas pertence à teoria econômica. Segundo Kon (2004), há duas linhas de pensamento. A primeira, marxista, considera os serviços improdutivos, ao passo que, a segunda, keynesiana e schumpeteriana, considera-os produtivos e úteis:

- a marxista, conforme a qual algumas atividades, incluindo grande parte dos serviços, são improdutivas, não pertencendo ao fundo potencialmente disponível para desenvolvimento econômico;
- a keynesiana, segundo a qual qualquer atividade que faz jus a uma recompensa monetária é considerada útil e produtiva por definição;
- a schumpeteriana, a qual considera os serviços complementares e relevantes ao consumo, que é o objetivo primordial da produção, e, portanto, imprescindíveis para a atividade produtiva. (KON, 2004, p. 20).

Como outra classificação, Meirelles (2008) explica o que são os serviços tradicionais e os diferencia dos chamados serviços modernos. Os serviços tradicionais empregam mão de obra menos qualificada, enquanto os serviços modernos empregam mão de obra mais qualificada e possuem maior conteúdo tecnológico. Em países desenvolvidos, o que predomina são os serviços modernos. Por outro lado, nos países em desenvolvimento, predominam os serviços tradicionais, aos quais estão atreladas remunerações mais baixas. No Brasil, assim como nos demais países em desenvolvimento, há predominância de serviços com baixo conteúdo tecnológico, mão de obra pouco qualificada e, por consequência, baixas remunerações.

Além da classificação da teoria econômica, Kon (2004) trabalha com duas óticas distintas para as atividades de serviços. A primeira delas diz respeito à série de unidades produtivas, as quais produzem os serviços, como os indivíduos e as empresas. Por outro lado, a segunda ótica consiste na análise das tarefas relacionadas a serviços, mas que se situam nos outros setores da economia, ou seja, na agropecuária e na indústria. Assim, “é possível definir serviços como atividades econômicas que produzem utilidades relativas a tempo, lugar, forma e benefícios psicológicos.” (KON, 2004, p.25). Os serviços estão presentes na produção e na distribuição de produtos, bem como de modo a suprir as demandas pessoais de indivíduos.

De acordo com Meirelles (2006), a atividade do setor se altera de acordo com a finalidade e os agentes econômicos que consomem determinado serviço. Os serviços podem ser considerados intermediários, quando são utilizados por firmas como insumos na produção de bens, ou finais, quando são utilizados pelos indivíduos ou população.

Embora, de maneira geral, os serviços sejam considerados de natureza intensiva em trabalho, conforme Kon (2004), uma das classificações para serviços se dá pela intensidade de trabalho e capital. Com as inovações tecnológicas e mudanças de paradigmas muito mais rápidas associadas a elas, essa classificação torna-se ainda mais pertinente. Tem-se serviços intensivos em trabalho e serviços intensivos em capital. Para os do primeiro caso, constam serviços que demandam mão de obra não qualificada, mão de obra qualificada e profissional. Ou seja, atividades que absorvem força de trabalho de todos os níveis de qualificação. Para cada tipo de mão de obra elencado, seguem, respectivamente, como exemplos: carregadores, conserto de eletrodomésticos e médicos. Para os do segundo caso, dos serviços intensivos em capital, constam serviços totalmente automatizados, como é o caso das máquinas que vendem balas e chocolates, serviços operados por pessoas que não necessitam de qualificação, como táxis e serviços operados por mão de obra especializada, como é o caso de pilotar um avião.

2.2 A EVOLUÇÃO DO SETOR DE SERVIÇOS

Dadas as várias classificações que podem ser atribuídas ao setor de serviços, é necessário entender de que forma ocorreu a evolução desse setor nos últimos anos. Desde a década de 1980, segundo Coffey e Bailly (1993), pesquisadores têm-se voltado para questões relacionadas à flexibilização da produção, a qual norteou a reestruturação produtiva de muitos países desenvolvidos e contribuiu ao aumento das atividades de serviços. Para os autores, a produção flexível é considerada como uma espécie de antítese ao modelo fordista de produção, na qual ocorre a fragmentação da produção. No entanto, a produção não deixa de estar interconectada, o que é possibilitado pela tecnologia da informação.

As características fundamentais da flexibilização da produção são a desintegração vertical e a divisão social do trabalho, de acordo com Coffey e Bailly (1993). Relativo à desintegração vertical, as firmas continuam atuando em suas atividades estratégicas, no entanto, atividades consideradas auxiliares são externalizadas a outras firmas, as quais são controladas pelas primeiras. Dado esse cenário, passa-se a contar com economias de escala externas e economias de aglomeração, nas quais estão englobadas tanto a firma produtora da atividade principal, estratégica da empresa, quanto as que estão focadas nas atividades auxiliares. Além disso, a divisão social do trabalho é o resultado do aumento do número de firmas especializadas em atividades específicas e da utilização desses produtos ou serviços por outras firmas.

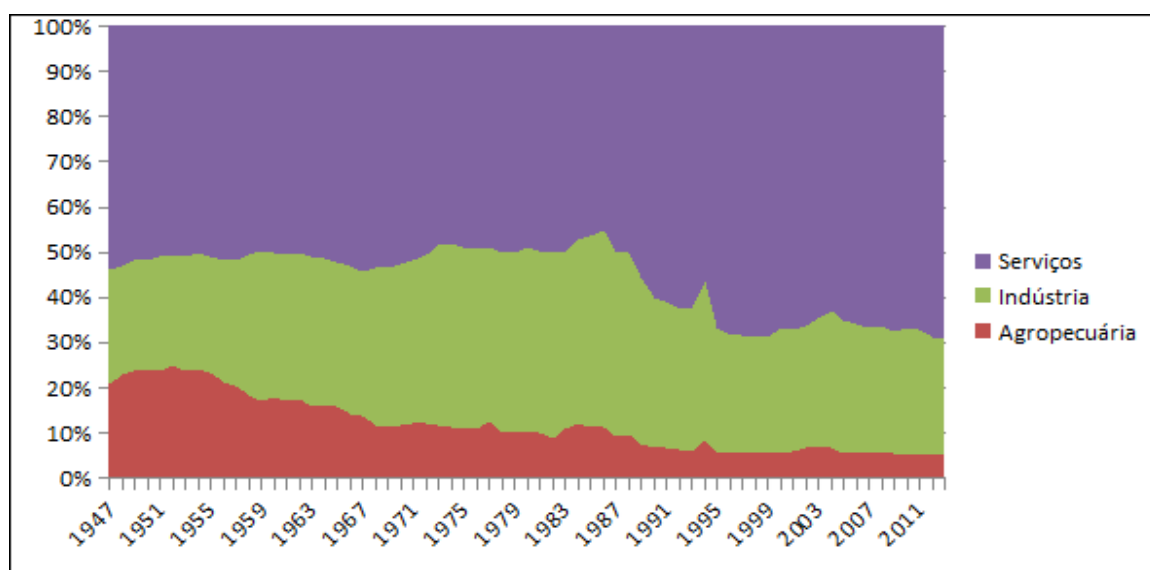
Para Coffey e Bailly (1993), serviços produtivos funcionam como insumos para a produção, seja ela de bens ou de outros serviços. O seu crescimento está relacionado à complexidade do ambiente externo à firma e, também, ao seu ambiente interno. Vários fatores contribuem à decisão da firma de prover esses serviços internamente ou adquiri-los de firmas externas. Normalmente, a decisão da firma por adquiri-los externamente é vantajosa quando se trata de serviços que a firma demanda em pouca quantidade. Devido às economias de escala, não é vantajoso produzi-los internamente, mas sim, comprá-los de firmas externas. Inerente a essa questão, há também fatores relativos à expertise. Atividades de produção consideradas secundárias demandam tanto investimento e tempo para adquirir experiência, quanto atividades principais. Não obstante, as primeiras são utilizadas em menor proporção na produção. Portanto, quando o custo de as produzir internamente excede os de adquiri-las externamente, torna-se vantajoso adquirir o serviço de outras firmas.

O setor de serviços, segundo Kon (2004), torna-se cada vez mais importante às economias nacionais, principalmente para as mais desenvolvidas. No que tange ao comércio entre as nações, a importância do setor de serviços, com o passar dos anos, também cresce. De acordo com a autora, os serviços possuem papel importante para a evolução do emprego, o que se pode justificar por serviços tradicionais serem intensivos em trabalho. Além de que, em muitos casos, diferentemente da manufatura, a substituição de trabalho por capital, não é tão simples.

2.3 O SETOR DE SERVIÇOS NO BRASIL

No que se refere, especificamente, ao setor de serviços brasileiro, o gráfico 1 apresenta a composição do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, de 1947 a 2013, em termos percentuais dos setores econômicos (serviços, indústria e agropecuária). Observa-se que, a partir da década de 1980, há crescimento relativo do setor de serviços. Por outro lado, os setores da indústria e da agropecuária, para o mesmo período, apresentam redução relativa. De acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) (2014), a evolução do setor de serviços brasileiro não está relacionada a avanços tecnológicos ou a investimentos destinados a esse setor. O que pode ter contribuído, ao aumento da participação relativa do setor de serviços, foi o seu crescimento vegetativo e a estagnação do setor industrial.

Gráfico 1 - Composição do PIB brasileiro em termos percentuais dos setores (1947-2013)

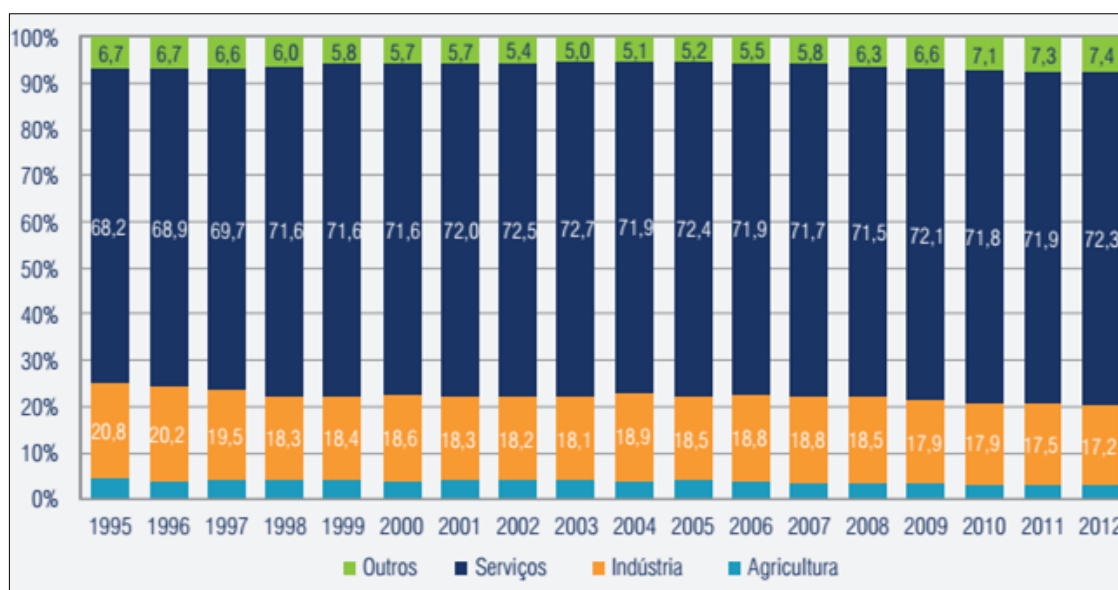


Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPEA.

Segundo CNI (2014), a participação elevada do setor de serviços na economia brasileira é semelhante à dos países desenvolvidos, os quais usufruem, no entanto, de rendas *per capita* muito superiores e níveis muito mais avançados de acumulação de capital do que os brasileiros. Considera-se essa situação como uma “anomalia”. Como exemplo, destaca-se que, na China, o setor de serviços representa 44% do PIB e na Coreia do Sul, país que possui renda *per capita* 2,5 vezes maior que a brasileira, 58%. O único país em desenvolvimento com participação setorial de serviços semelhante à brasileira é a África do Sul.

Conforme CNI (2014) e pelo gráfico 2, aproximadamente, 70% do emprego no Brasil está concentrado no setor de serviços, o que acarreta os impactos desse setor, no mercado de trabalho brasileiro, serem muito superiores aos dos demais. Entretanto, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), *apud* CNI (2014), uma característica importante e prejudicial ao setor de serviços é a sua alta rotatividade. Como resultado disso, tem-se baixa produtividade, dado que investimentos em capital humano acabam por ser desencorajados devido à demasiada entrada e saída de colaboradores nas empresas.

Gráfico 2 – Participação setorial do emprego no Brasil (%)



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (2014).

A recente importância atribuída ao setor de serviços brasileiro é devida à sua evolução no PIB e no emprego do País. Para estudar o setor de serviços do Brasil no contexto do comércio internacional, outras variáveis precisam ser levadas em consideração. Por isso, antes de tentar entender de que forma o Brasil participa das CGVs do setor de serviços, procura-se explicar o que elas são e como funcionam.

3 AS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR

De acordo com Cesar (2015), nos últimos anos, o comércio internacional tem passado por profundas mudanças, bem como tem ganhado, a cada ano, maiores proporções. No que se refere às mudanças, estão associadas questões organizacionais das firmas. Atividades antes desempenhadas exclusivamente no âmbito da própria firma, tanto de produtos, quanto de serviços, passaram a ser terceirizadas para outras firmas ou até mesmo para firmas estrangeiras. As firmas passaram a se concentrar em suas atividades principais, terceirizando as demais, quando, atrelada a essa alternativa, houver redução de custos. Isso contribui à fragmentação da cadeia produtiva, o que consiste nas chamadas cadeias globais de valor (CGVs). Segundo

OECD, WTO, UNCTAD, *apud* Cesar (2015), considera-se que 80% do comércio internacional ocorre através das CGVs.

Para Sturgeon et al. (2013), as CGVs caracterizam-se pelo aumento do comércio de bens intermediários, bem como pelo considerável aumento na atuação de alguns países emergentes, como é o caso, principalmente, da China. Ainda, para os autores, com a ascensão das CGVs, determinadas regiões do globo podem se especializar em atividades particulares da produção, sem necessidade de completar, ela mesma, todas as etapas de produção, dada a possibilidade de terceirizá-las. Em muitos casos, produtos são projetados em países desenvolvidos e fabricados em países em desenvolvimento, o que ocorre pela mão de obra ser mais barata no segundo grupo de países. Como resultado, tem-se a reconfiguração da tradicional divisão do trabalho.

Segundo Reis e Almeida, “uma cadeia de valor representa todas as empresas e pessoas envolvidas na produção de um bem ou serviço, desde a sua concepção até o consumo final.” (Reis e Almeida, 2014, p. 4). Além da terceirização já elencada, os autores destacam a distribuição de etapas da produção que podem ser migradas a vários países.

A nova forma de comércio do século XXI, que ocorre com a articulação muito mais forte dos países, foi possibilitada pela globalização e pode ser ramificada entre globalização comercial, financeira e produtiva, conforme Cesar (2015). Há também fatores não econômicos atrelados à globalização, como sociais e culturais, por exemplo. Não obstante, considera-se, neste trabalho, apenas os econômicos, mais especificamente os comerciais e os produtivos, os quais são essenciais para tratar as principais questões relacionadas às CGVs.

Para Cesar (2015), a globalização comercial baseia-se no aumento das trocas internacionais, bem como da compra e venda de insumos, em detrimento do comércio de produtos finais. Entre os fatores que motivaram a globalização do comércio, nos últimos anos, estão: a facilidade na comunicação, certa abertura dos mercados nacionais e a queda nos custos de transporte.

Sobre o terceiro fator, a redução dos custos de transporte, Feenstra e Taylor (2012) comentam que o que acarretou essa redução de custos foi a invenção do transporte de mercadorias em contêineres, através de navios, há mais de 50 anos. Essa é uma invenção recente que revolucionou a forma de transportar mercadorias. Com essa nova forma de transportar, foi possível diminuir consideravelmente o tempo de carregamento e descarregamento das cargas. Consequentemente, houve redução do tempo de ancoragem dos navios nos portos. Além disso, a capacidade de volume transportada aumentou 4 vezes.

Dado o conceito de globalização comercial, resta conceituar a globalização produtiva, a qual, segundo Cesar (2015), refere-se à dispersão, em termos geográficos, das atividades produtivas. Além disso, cabe adicionar que as três ramificações da globalização, a comercial, a financeira e a produtiva, estão intimamente relacionadas.

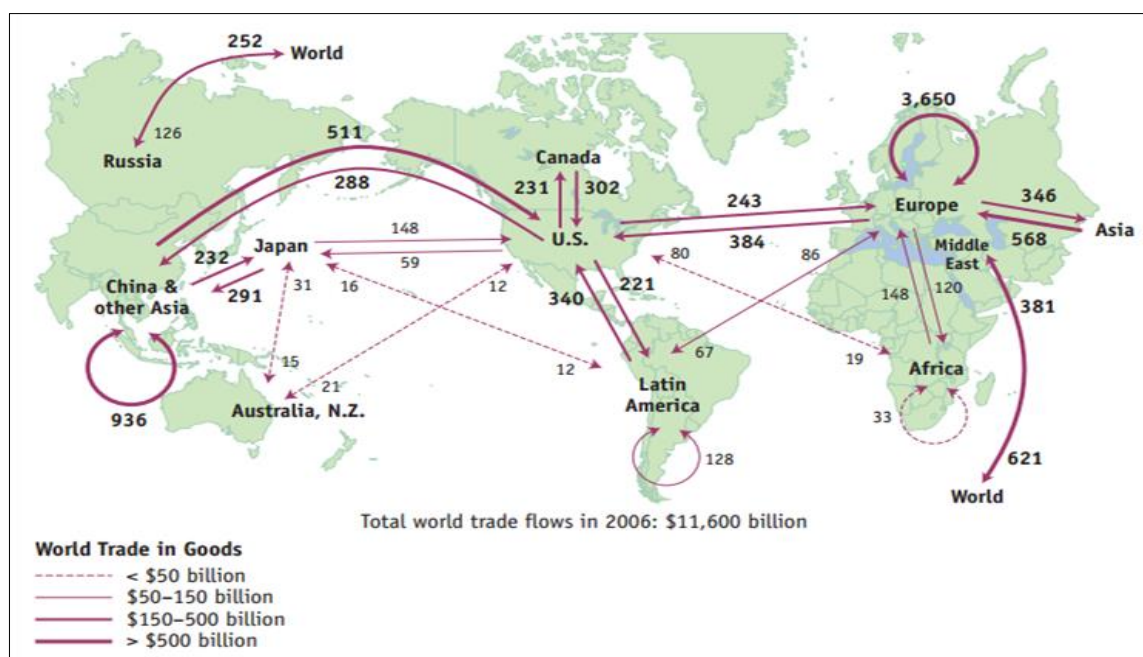
A globalização produtiva é importante para a discussão, pois caracteriza as CGVs. Para Cesar (2015), a opção pela fragmentação da produção transcende questões microeconômicas para a tomada de decisão, dado que mais aspectos contribuem para que se faça essa escolha, tais como as estratégias das corporações, a redução dos custos de transporte, as tecnologias de informação, os acordos de preferência comercial, as políticas voltadas à exportação e as vantagens comparativas entre os países.

Para ter uma ideia da configuração do comércio nos últimos anos, analisa-se um mapa de fluxo de bens desenvolvido por Feenstra e Taylor (2012). Na figura 1, visualiza-se o comércio mundial de produtos para o ano de 2006¹, para países selecionados. Quanto maior o fluxo de comércio, maior é a espessura da linha que o representa, ao passo que, quanto menor ele for, mais fina é a representação de seu fluxo. Fluxos de comércio de produtos inferiores a 50 bilhões de dólares são representados por linhas pontilhadas.

Percebe-se que o fluxo de comércio de produtos mais intenso ocorre entre países europeus. De acordo com Feenstra e Taylor (2012), justifica-se esse comportamento pelas baixas tarifas de importação que esses países possuem, dado que, muitos deles, pertencem à União Europeia. Além disso, a proximidade entre os países facilita o comércio de mercadorias, pelo baixo custo de transporte.

¹ Segundo os autores, devido à dificuldade existente na mensuração do comércio de serviços entre países, ele não foi incluído na figura.

Figura 1 - Comércio mundial de produtos em 2006 (em bilhões de dólares)



Fonte: Feenstra e Taylor (2012).

Outro importante fluxo de comércio é o que ocorre entre a China e outros países asiáticos, o que se justifica, principalmente, pela ascensão da China no comércio internacional nos últimos anos. Segundo dados da WTO (2016b), em 2015, a China foi a líder mundial na exportação de mercadorias, com 14% das exportações mundiais. No que se refere às importações de mercadorias, a China aparece em segundo lugar, com 10% das importações mundiais, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, o qual liderou 14% das importações. Cabe salientar a participação efetiva da América do Norte no comércio mundial de produtos, destacando-se o grande fluxo de produtos importados por ela da Ásia.

No que tange à América Latina, percebe-se que há baixo comércio intrarregional. Além disso, seu maior fluxo de comércio se dá com os Estados Unidos. Atualmente, houve mudança nessa configuração de comércio, dada a importância cada vez maior do mercado chinês. Para 2006, a participação da América Latina era pouco representativa, o que evidencia sua baixa inserção no comércio mundial de produtos.

No que se refere especificamente às CGVs, a participação brasileira pode ser verificada na tabela 2. Observa-se que a sua participação é inferior à média dos países em desenvolvimento e dos desenvolvidos. Pode-se justificar a participação inferior do Brasil nas CGVs até mesmo

à dos países em desenvolvimento pelo fato do Brasil ser uma economia muito fechada, além de praticar altas tarifas, segundo Markwald (2014). Outro ponto importante é que o total da participação dos países em desenvolvimento pode estar sobre valorizado por abranger a China, dado que parcela considerável se refere apenas ao mercado chinês.

Tabela 2 – Índice de participação nas CGVs em 2011 (% da participação no total das exportações brutas)

Participação	Brasil	Economias em desenvolvimento	Economias desenvolvidas
Total nas CGV	35,2	48,6	48
Para a frente	24,5	23,1	24,2
Para trás	10,7	25,5	23,8

Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

Ainda sobre a tabela 2, a participação para a frente refere-se à participação do Brasil, das economias em desenvolvimento e das desenvolvidas no total das exportações de insumos domésticos enviados a países terceiros. Neste quesito, a participação brasileira é superior (24,5%) a das economias em desenvolvimento (23,1%) e das economias desenvolvidas (24,2%). Pode-se justificar esse comportamento por grande parte da pauta de exportações brasileira consistir em produtos básicos, *commodities*, os quais são utilizados como insumos na produção de outros países. Já a participação para trás, refere-se à participação do conteúdo estrangeiro nas exportações. Neste item, a participação brasileira (10,7%) é bastante inferior à dos conjuntos de países em desenvolvimento (25,5%) e desenvolvidos (23,8%), o que corrobora à baixa inserção do Brasil nas CGVs.

A tabela 3, na parte superior, apresenta os três insumos brasileiros mais enviados para o exterior por meio das CGVs. Importante salientar que a segunda e a terceira posições são ocupadas por atividades do setor de serviços. Também constam, na tabela, os três países que mais exportam insumos brasileiros através das CGVs. Novamente, destaque para a China, a qual ocupa a primeira posição, o que indica o país como um dos principais parceiros comerciais do Brasil atualmente.

Tabela 3 - Participação para a frente do Brasil nas CGVs (2011)

Rank das principais indústrias exportadoras nas CGVs	
1. Mineração	22,9
2. Atacado e Varejo	15,4
3. Outros serviços de negócios	12,2
Rank dos principais exportadores de insumos do Brasil através das CGVs	
1. China	19,5
2. Estados Unidos	8,2
3. Alemanha	7,2

Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

A tabela 4 apresenta as três indústrias brasileiras que mais importam. Mineração lidera a lista, o que pode ser justificado pelo fato dessa atividade demandar tecnologias sofisticadas para a sua execução. Além disso, a tabela apresenta os maiores fornecedores de insumos para o Brasil, Estados Unidos (17,2%), China (7,5%) e Alemanha (5,2%), respectivamente.

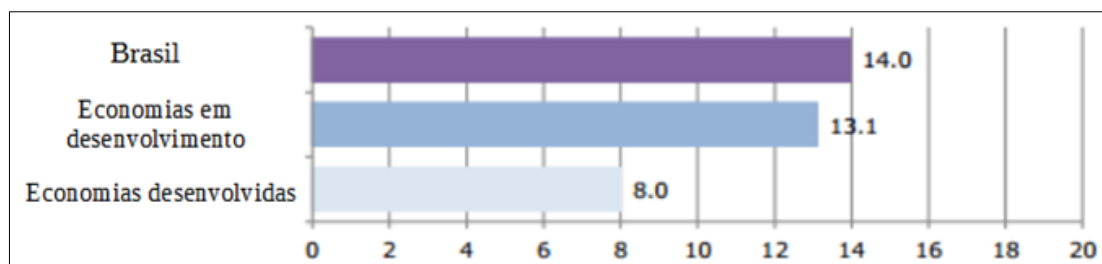
Tabela 4 - Participação para trás do Brasil nas CGVs (2011)

Rank das principais indústrias importadoras nas CGVs	
1. Mineração	18,1
2. Alimentos e bebidas	12,7
3. Metais básicos	9,4
Rank dos principais provedores de insumos estrangeiros	
1. Estados Unidos	17,2
2. China	7,5
3. Alemanha	5,2

Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

Observa-se, pelo gráfico 3, a variação percentual anual da participação do Brasil, das economias em desenvolvimento e das economias desenvolvidas nas CGVs de 1995 a 2011. Verifica-se taxa superior de crescimento da participação brasileira (14%) e dos países em desenvolvimento (13,1%), quando comparados aos países desenvolvidos (8%). Esse fato pode ser justificado pela reconfiguração da divisão internacional do trabalho nos últimos anos, com migração de importante parte da produção mundial para países em desenvolvimento, devido ao baixo custo da mão de obra.

Gráfico 3 - Evolução da participação nas CGVs em % (1995-2011)



Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

Nesta seção, procurou-se analisar, de forma breve, dados da atual configuração do comércio internacional, bem como da inserção do Brasil nas CGVs como um todo. Importante acrescentar que, na literatura econômica, há diferentes opiniões sobre a globalização. Diversos autores defendem que a inserção de um país em desenvolvimento na globalização, possibilita, a ele, muitas oportunidades. Freeman (2004), por exemplo, em seu clássico artigo sobre os Sistemas Nacionais de Inovação, defende os ganhos para a nação que realiza engenharia reversa de uma tecnologia importada de um país industrializado.

Por outro lado, outros economistas, a exemplo de Bresser-Pereira no Brasil, possuem um ponto de vista contrário. De acordo com Bresser-Pereira (2006), as políticas liberalizantes são benéficas apenas para os países desenvolvidos, o autor chega a classificar essa conjuntura como uma espécie de sistema colonial, sem a presença de fronteiras. Para o autor, países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, são prejudicados por adotar políticas que não foram criadas para a sua realidade, mas sim, para a de países já desenvolvidos.

4 A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR DO SETOR DE SERVIÇOS

Como mencionado, o setor de serviços tem-se revelado importante para a economia mundial nos últimos anos, e também para a economia brasileira, devido à sua evolução no PIB e no emprego. Da mesma forma, CGVs também é um assunto que tem ganhado destaque, estas foram proporcionadas pela globalização. Pode-se salientar, como fator de contribuição ao

progresso do setor de serviços e das CGVs, a desintegração vertical da produção². Como visto, de acordo com Coffey e Bailly (1993), por meio dela, firmas deixam de trabalhar em atividades produtivas consideradas secundárias, terceirizando-as, para se concentrar em sua atividade-fim. Como consequência, o fluxo de produtos e serviços utilizados como insumos na produção é potencializado.

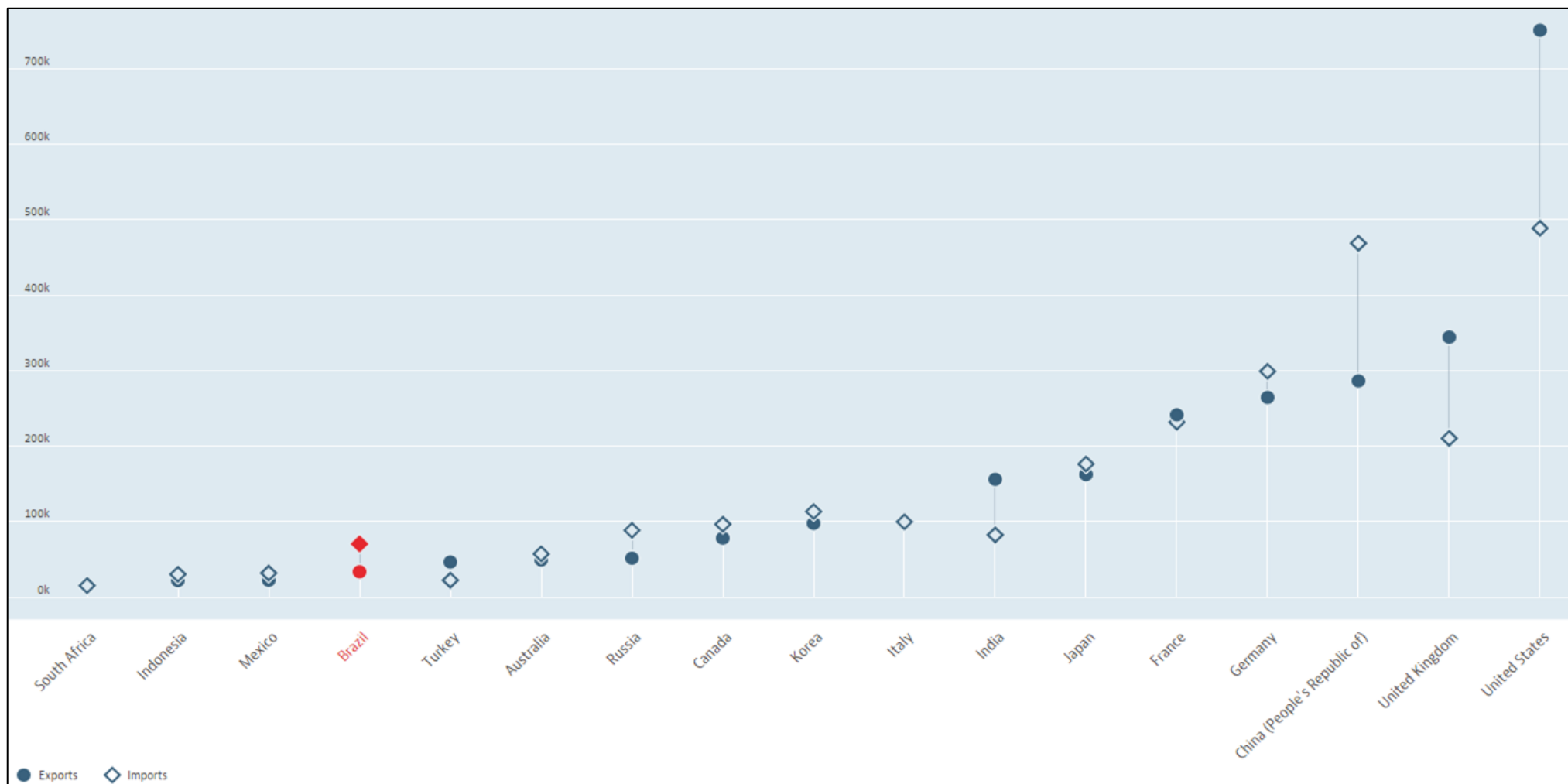
Em busca de analisar, de forma visual, a importância do Brasil no comércio mundial de serviços, analisa-se o gráfico 4. Constam, no gráfico, as exportações e importações de serviços de países selecionados, pertencentes ao grupo dos 20 países mais desenvolvidos do mundo (G20).

Em uma comparação mundial, segundo dados do MDIC (2015), o Brasil ocupa a 32ª posição, com 0,7% na participação mundial, na exportação de serviços. Enquanto que, para a importação de serviços, o país ocupa a 19ª posição, com 1,5% na participação mundial. Além disso, destaca-se que o valor, em serviços, importado pelo país (quase 71 bilhões de dólares) corresponde ao dobro do valor exportado (quase 34 bilhões de dólares). Essa situação pode desencadear problemas de falta de divisas, caso esse déficit não seja compensado pelas exportações dos demais setores da economia.

Os serviços brasileiros parecem estar pouco inseridos no comércio internacional. A posição do Brasil pode ser uma indicação de que os serviços brasileiros não são suficientemente competitivos. Além de que, caso a importação do Brasil de serviços exceda a exportação devido a sua diferença de valor agregado, sendo superior o dos importados, pode-se inferir que o Brasil possui a característica comum aos demais países em desenvolvimento, a de se especializar em atividades de baixo valor agregado.

² Outros fatores também justificam a evolução do setor de serviços nos países desenvolvidos. De acordo com Nassif (2008), a partir de um determinado nível de renda elevada per capita, o setor industrial apresenta redução da sua participação no PIB e no emprego, dado o aumento de produtividade, o que é considerado natural para uma economia desenvolvida. Enquanto isso, o alto nível de renda proporciona incremento na demanda por serviços, o que corrobora com o aumento de participação relativa do setor no PIB e no emprego.

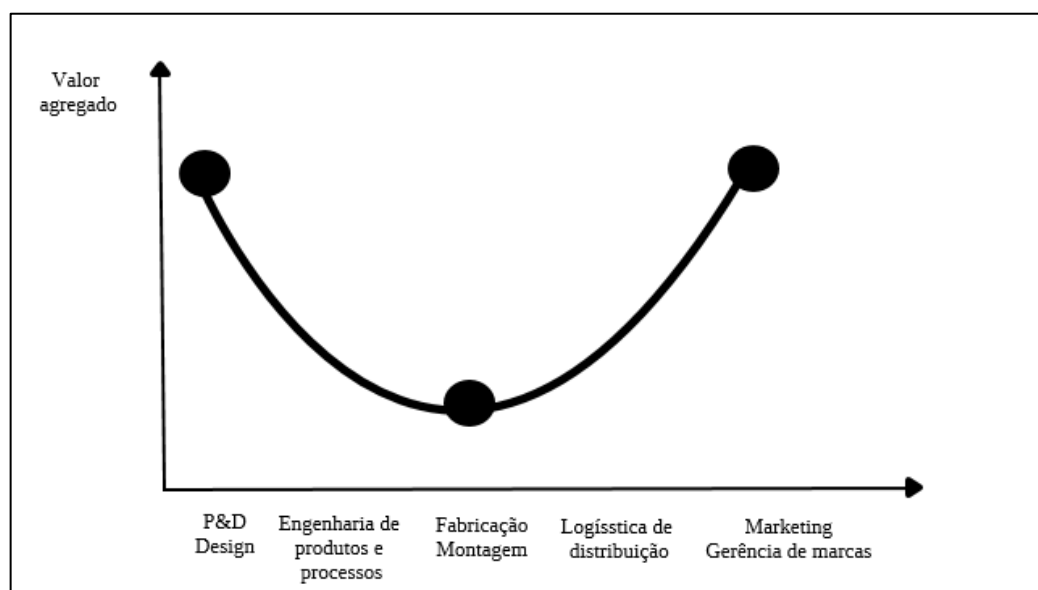
Gráfico 4 – Exportação e importação de serviços em milhões de dólares (2015)



Fonte: OECD (2016).

O gráfico 5, conhecido como *smile curve*, relaciona atividades econômicas com o valor por elas agregado. No centro da curva, constam atividades que agregam menos valor à produção, como é o caso de atividades relacionadas à fabricação e à montagem, essas atividades não exigem mão de obra qualificada. Aproximando-se para as extremidades da curva, constam atividades consideradas intermediárias no que se refere ao nível de valor agregado, como Engenharia de Produtos e Processos e Logística de Distribuição, essas atividades exigem trabalho qualificado. Por último, nas extremidades da curva, constam atividades que agregam alto valor à produção, como é o caso de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), Design, Marketing e Gerência de Marcas. Verifica-se que as atividades contidas nas extremidades da curva agregam alto valor à produção, ao mesmo tempo que exigem mão de obra qualificada e alto investimento de capital.

Gráfico 5 – *Smile Curve* – Valor agregado por atividade



Fonte: Elaboração própria com base em Baldwin (2012) e Castro (2001).

Dado os diferentes tipos de atividades, bem como o nível de valor agregado por eles, é interessante analisar o perfil dos principais serviços exportados e importados pelo Brasil. A finalidade é verificar a suposição de que o Brasil, assim como a maior parte dos países em desenvolvimento, exporta serviços intensivos em trabalho menos qualificado e importa serviços que exigem trabalho qualificado e maior investimento de capital.

Para essa apuração, na tabela 5, constam os cinco principais serviços brasileiros exportados e, na tabela 6, os 5 principais serviços importados pelo Brasil. Importante salientar que os serviços exportados pelo Brasil estão para a participação para frente do Brasil nas CGVs de serviços, assim como os serviços importados estão para a participação para trás, por isso a importância de conhecê-los.

Comparando-se as duas tabelas, verifica-se que dois serviços estão tanto entre os mais exportados, quanto entre os mais importados, é o caso de Outros Serviços Profissionais, Técnicos e Gerenciais não Classificados em Outra Posição e de Serviços de Transporte Aquaviário de Cargas. O primeiro deles é uma atividade bastante genérica e, por isso, pode englobar vários tipos de serviços, desde mais básicos, até mais sofisticados. Essa explicação parece razoável para entender o motivo desse serviço constar nas duas tabelas. Quanto aos Serviços de Transporte Aquaviário de Cargas, é coerente que este conste entre as principais exportações e importações, uma vez que esse serviço é essencial ao comércio de mercadorias.

Tabela 5 – 5 principais serviços exportados pelo Brasil em 2015

Posição	Serviço	Valor (US\$ milhões)	Participação
1	Serviços gerenciais, de consultoria gerencial, de relações públicas e de comunicação social	2.182	11,5%
2	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	1.881	9,9%
3	Serviços auxiliares aos serviços financeiros, exceto os relacionados a seguros e previdência complementar	1.507	7,9%
4	Serviços de transporte aquaviário de cargas	1.457	7,7%
5	Serviços de manutenção e reparo de produtos metálicos, maquinário e equipamentos	1.192	6,3%

Fonte: MDIC, 2015 (adaptada).

Quanto aos demais serviços, de forma geral, verifica-se que os exportados são mais simples e agregam menos valor que os importados. Além disso, salienta-se a forte concentração dos 5 serviços mais exportados (43,3%) e importados (67,9%).

Tabela 6 – 5 principais serviços importados pelo Brasil em 2015

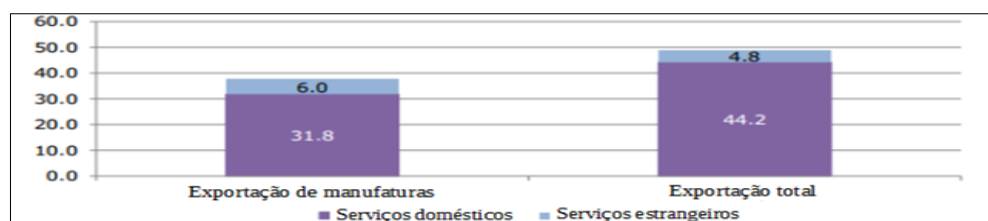
Posição	Serviço	Valor (US\$ milhões)	Participação
1	Arrendamento mercantil operacional ou locação de máquinas e equipamentos, sem operador	19.629	43,1%
2	Serviços de transporte aquaviário de cargas	5.208	11,4%
3	Licenciamento de direitos de autor e direitos conexos	3.416	7,5%
4	Outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados em outra posição	1.571	3,4%
5	Serviços financeiros, exceto bancos de investimento, serviços de seguros e previdência complementar	1.145	2,5%

Fonte: MDIC, 2015 (adaptada).

Confirmada a suposição de que o perfil comercial dos serviços brasileiros está de acordo com o que a literatura espera dos países em desenvolvimento, passa-se para outra questão relevante. A maior parte das exportações e importações brasileiras é composta por produtos, e não por serviços³. No entanto, parte do conteúdo desses produtos provem do setor de serviços, os quais podem ser domésticos ou estrangeiros. Em alguns casos, o valor adicionado por serviços aos produtos é superior ao seu valor material. Isso é comum para produtos de alto conteúdo tecnológico, como é o caso de celulares *smartphones*, nos quais os custos com P&D, Design, Marketing e Gerência de Marcas podem ultrapassar os gastos com matéria-prima e montagem⁴.

O gráfico 6 apresenta o percentual da participação dos serviços nas exportações brasileiras e, especificamente, na de manufaturas para 2011. O valor é bastante significativo, nos dois casos.

Gráfico 6 – Valor adicionado por serviços nas exportações brasileiras em termos % (2011)



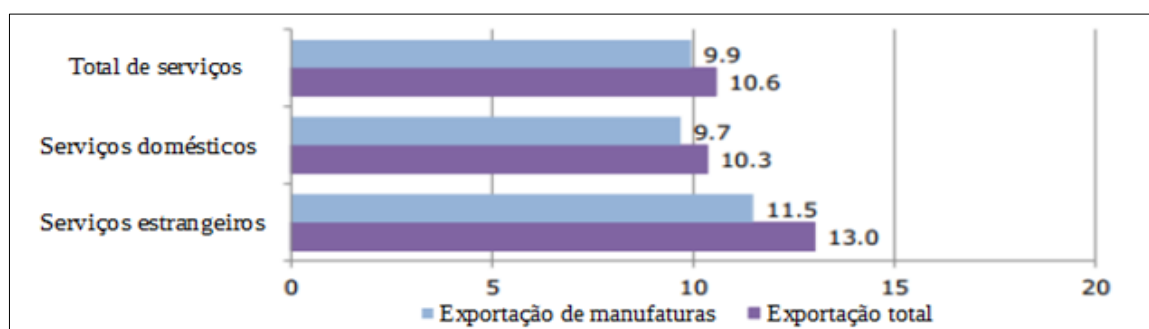
Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

³ De acordo com dados do MDIC, em 2015, das exportações brasileiras, 85,2% refere-se à participação de bens, enquanto 14,8% à participação de serviços. Das importações, para o mesmo ano, 71,46% refere-se à participação de bens, ao passo que, 28,54% à participação de serviços.

⁴ Feenstra e Taylor (2012) abordam questões relacionadas à divisão de tarefas mundial na confecção do iPod da Apple, além dos valores adicionados em cada etapa produtiva.

O gráfico 7 mostra a evolução do conteúdo adicionado por serviços nas exportações brasileiras de 1995 a 2011. Verifica-se que a evolução dos serviços estrangeiros é ainda superior à dos domésticos. Com base nos gráficos 6 e 7, pode-se concluir que, além do setor de serviços ser relevante devido à sua considerável participação no PIB e no emprego brasileiros, conforme visto anteriormente, o setor está contido em uma parcela significativa do setor industrial. Por consequência, o setor de serviços é ainda mais relevante à economia, dado o seu impacto direto nos demais setores⁵.

Gráfico 7 – Variação percentual anual da evolução do conteúdo adicionado pelos serviços nas exportações brasileiras (1995-2011)



Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

Constatada a relevância do setor de serviços para a economia brasileira, alguns entraves ao comércio, bem como às CGVs, são importantes e, adicionalmente, cabe salientá-los. Como tratado na seção anterior, a redução do custo de transportes foi um dos fatores que possibilitou a ascensão da fragmentação produtiva. No entanto, o custo de transporte brasileiro, quando comparado à média mundial, é muito alto.

De acordo com a tabela 7, tanto o custo para exportação, quanto o custo para importação brasileiros superam a média mundial. Segundo Markwald (2014), altos custos de transporte, quando não atenuados por vantagens comparativas suficientemente grandes, podem prejudicar a dispersão das CGVs. Por consequência, pode-se concluir que o alto custo de transportes brasileiro é um dos fatores que contribuem à baixa inserção do setor de serviços às CGVs.

⁵ Não foram utilizados dados que fizessem a mesma análise para a agropecuária, no entanto acredita-se que o setor de serviços também a afete, entretanto em menor proporção devido ao fato desse setor, normalmente, contar com um número menor de etapas produtivas.

Tabela 7 – Custo de transporte em 2014 (em dólares por contêiner)

Custo	Brasil	Média mundial
Para exportação	2323	1841
Para importação	2323	2084

Fonte: WTO, 2016a (tradução própria).

Além desse obstáculo, os serviços do Brasil enfrentam outros empecilhos à sua inserção nas CGVs. Conforme tratado anteriormente, segundo CNI (2014), o emprego do setor de serviços apresenta alta rotatividade, a qual inibe possíveis investimentos em capacitação por parte dos empregadores. Consequentemente, o setor de serviços brasileiro apresenta baixa produtividade. Esses entraves, aliados a uma alta carga tributária, resultam na baixa competitividade comercial dos serviços brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho propôs analisar dados de 2015 da exportação e importação de serviços do Brasil. Dado que os serviços exportados impactam na participação para frente nas CGVs, enquanto os serviços importados impactam na participação para trás, o intuito dessa análise era responder de que forma o Brasil participa das CGVs do setor de serviços.

Primeiramente, procurou-se caracterizar o setor de serviços. Por esse setor ser bastante heterogêneo, há várias possibilidades de o classificar. Uma delas é a que distingue serviços entre tradicionais e modernos. Para Meirelles (2008), os serviços tradicionais demandam mais fator de produção trabalho, ao passo que os modernos possuem maior conteúdo tecnológico. Segundo a literatura, o padrão dos países em desenvolvimento é se especializar em serviços tradicionais e países desenvolvidos em serviços modernos.

Além disso, abordou-se fatores que contribuíram à evolução do setor de serviços, entre os quais pode-se citar a fragmentação, flexibilização e desintegração vertical da produção. Como resultado, as firmas começaram a se dedicar mais em sua atividade-fim, de modo que, atividades consideradas secundárias, passaram a ser desempenhadas por outras empresas. No que tange ao Brasil, em específico, apresentou-se série de dados do PIB e do emprego que corroboram com a evolução do setor de serviços mencionada anteriormente.

Em relação às CGVs, fatores que contribuíram à sua ascensão foram discutidos de forma breve, como é o caso da globalização comercial e produtiva. Analisou-se, também, dados da inserção do Brasil nas CGVs, de modo geral, e se constatou que o País apresenta baixa inclusão quando comparado a países em desenvolvimento e desenvolvidos.

Na quarta seção, quando da análise dos principais serviços exportados e importados pelo Brasil, percebeu-se que o País corrobora com o padrão esperado para países em desenvolvimento, ou seja, especializar-se em serviços tradicionais e importar serviços modernos. Também se verificou que, no que tange ao comércio internacional de serviços, o Brasil não está entre os líderes de exportação e importação, o que dá indícios de que não há uma forte abertura comercial do País.

Consequentemente, no que se refere à participação do Brasil nas CGVs do setor de serviços, pode-se inferir que ela não é muito representativa. Outro dado importante é que os serviços ofertados ao mercado externo são de menor valor agregado que os importados e isso é um fator preocupante, pois impacta no desenvolvimento econômico do País.

Atividades econômicas de maior valor agregado, frequentemente desempenhadas por países desenvolvidos, possuem um multiplicador para a sociedade, superior ao de atividades que agregam menor valor. Como exemplo de atividade de maior valor agregado, pode-se citar P&D. Em alguns casos, para que essa atividade seja desempenhada, são feitas parcerias entre universidades e empresas. Dessa forma, não só a empresa, mas também a comunidade universitária se beneficia do conhecimento resultante da pesquisa.

Para concluir, foram identificados alguns entraves ao mercado de serviços brasileiro. Há considerável rotatividade no mercado de trabalho do setor - o que inibe investimentos de especialização da mão de obra -, os custos de transporte para exportação e importação são superiores à média mundial, o que atrapalha as trocas comerciais do Brasil com o resto do mundo. Outro entrave citado foi a alta carga tributária brasileira. Dada a identificação desses pontos, como forma de buscar o desenvolvimento do setor de serviços, é interessante que se trabalhe em políticas que busquem tratá-los e minimizá-los.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, R. Global supply chains: why they emerged, why they matter, and where they are going. **CTEI Working Papers**, Geneva, 2012. Disponível em: <http://graduateinstitute.ch/files/live/sites/iheid/files/sites/ctei/shared/CTEI/working_papers/CTEI-2012-13.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2016.

BRESSER-PEREIRA, L. C. O novo desenvolvimentismo e a ortodoxia convencional. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 5-24, jul./set., 2006. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.3.Novo_Desenvolv-SEADE.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

CASTRO, A. B. A reestruturação industrial brasileira nos anos 90. Uma interpretação. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 3-26, jul./set., 2001. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/pdf/83-1.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2016.

CESAR, S. E. M. **Cadeias globais de valor e os novos padrões de comércio internacional**. Brasília: FUNAG, 2015. 298 p. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/1124-Cadeias_globais_de_valor_e_os_novos_padroes_internacionais.pdf>. Acesso em: 28 set. 2016.

COFFEY, W. J.; BAILLY, A. S. Producer services and systems of flexible production. **Urban Studies**, v. 29, n. 6, p. 857-868, ago. 1993.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Serviços e competitividade industrial no Brasil**. Brasília: CNI, 2014.

FEENSTRA, R. C.; TAYLOR, A. M. **International economics**. 2. ed. Nova Iorque: Worth Publishers, 2012. 984 p.

FREEMAN, C. The national system of innovation in historical perspective. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 5-24, jan./jun., 2004. Disponível em: <<http://ocs.ige.unicamp.br/ojs/rbi/article/view/264/180>>. Acesso em: 25 out. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Dados das contas nacionais**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 15 out. 2016.

KON, A. **Economia de serviços: teoria e evolução no Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. 269 p.

MARKWALD, R. Inserção do país na economia mundial: qual a singularidade do Brasil? **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 118, p. 14-31, jan./mar., 2014. Disponível em: <http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/118_RM.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

MEIRELLES, D. S. O conceito de serviço. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 119-136, jan./mar., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572006000100007>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. Serviços e desenvolvimento econômico: características e condicionantes. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**, Salvador, v. 10, n. 17, p. 23-35, jan. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/1022/800>>. Acesso em: 10 set. 2016.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. **Serviços**. Panorama do comércio internacional. Brasília, 2015. Disponível em:

<http://www.mdic.gov.br/images/REPOSITORIO/scs/decin/Estat%C3%ADsticas_de_Com%C3%A9rcio_Exterior/2015/Panorama_Oficial_2015_-_Com_Capa.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2016.

NASSIF, A. Há evidências de desindustrialização no Brasil? **Brazilian Journal of Political Economy**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 72-96, jan./mar., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v28n1/a04v28n1.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

OECD. **Trade in services (indicador)**. 2016. Disponível em: <<https://data.oecd.org/trade/trade-in-services.htm#indicator-chart>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

ONU. **International standard industrial classification of all economic activities**. 2016. Disponível em: <<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=17>>. Acesso em: 19 out. 2016.

REIS, C. F. B.; ALMEIDA, J. S. G. A inserção do Brasil nas cadeias globais de valor comparativamente aos BRIICS. **Texto para discussão UNICAMP**, Campinas, n. 233, mai. 2014. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=3347&tp=a>. Acesso em: 20 out. 2016.

STURGEON, T. et al. O Brasil nas cadeias globais de valor: implicações para a política industrial e de comércio. **Revista Brasileira de Comércio Exterior**, Rio de Janeiro, n. 115, p. 26-41, abr./jun., 2013. Disponível em: <http://www.funcex.org.br/publicacoes/rbce/material/rbce/115_TSGGAGEZ.pdf.pdf>. Acesso em: 19 out. 2016.

WTO. **Trade in value added and global value chains**. 2016a. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/miwi_e/BR_e.pdf>. Acesso em: 20 out. 2016.

_____. **World trade statistical review**. 2016b. Disponível em: <https://www.wto.org/english/res_e/statis_e/wts2016_e/wts16_toc_e.htm>. Acesso em: 16 out. 2016.